

CAPÍTULO III

Rahel treme. É noite. Chove. Alguém diz:

— Eis a fronteira.

Rahel se precipita; ela não vê nada. Uma luz se acende, depois outra, e mais outra... Rahel desce na obscuridade, dá alguns passos. De repente, pára. Uma melodia doce e triste de balalaica. Um velho avança, sob a chuva, em direção ao trem.

— Diadia! grita Rahel, diadia, Rossija?

A balalaica se calou por um instante; silêncio. Depois:

— Rossija,.., respondeu o velho.

Um quarto apertado. Sobre o leito pobre que range e sobre o divã duro, jovens judeus e jovens judias gesticulam, discutem, bebem chá. Todos os conhecidos de Rahel estão lá para festejar sua chegada em Kiev. Fica-se sentado joelho contra joelho, destrói-se o mundo, constrói-se, com o ar e o coração e o espírito, um mundo novo.

Dina, a pálida, a obstinada; possuída pelo demônio da pintura e da poesia, fica agachada num canto, vibrante. Toda sua obra é uma tentativa desesperada de exprimir a alma ingênua, heróica e sofredora do proletário; Dina se esgota, sem dinheiro, sem gênio e sem amor. Rosa, a bela, de longa cabeleira ruiva, de corpo esbelto e cheiroso, fuma, coloca o chá e se deita na cama. Ela diz: "De dia, trabalho no Partido, colaboro para a obra comum: cumpro meu dever de cidadã. À noite, reservo-a para mim, para mim mesma, para meu jovem corpo que vai morrer: cumpro meu dever de mulher."

Itka — cabeça de leoa — cérebro lúcido e equilibrado; ela trabalha na Tcheka; é sensível e impiedosa. Seu espírito tem respostas nítidas para todas as perguntas e enxerga claro num espaço limitado. Seu coração é tranqüilo e cheio de saúde; nenhuma inquietação física ou metafísica a aflige: Karl Marx respondeu a todas